

ULTIMOS LIVROS

HISTORIA ANTIGA

WILSON MARTINS

Na biblioteca ideal de todo homem culto não poderá faltar a história das doenças do professor Almeida Prado (1). Trata-se de um volume em que não se sacrifica a ciência à vulgarização, embora destinado, antes de mais nada, ao não-especialista: é livro de história e não de medicina, acentuemo-lo desde logo. Por isso mesmo, não sacrifica a alta vulgarização à ciência: também não é um tratado de patologia. Eis porque o especialista e o leigo nele encontrarão prazer idêntico, sendo certo que nem sempre a ciência coincide com o espírito de síntese, nem este último com aquela. Ora, escrevia recentemente André Varagnac, "on ne vulgarise vraiment que des synthèses". As Doenças Através dos Séculos é, também, um livro de síntese, um balanço crítico do que atualmente se sabe sobre o aparecimento e a propagação das enfermidades, desde os tempos pré-históricos. O professor Almeida Prado não reivindica "mais do que o seu plano geral, a ordenação, a divisão da matéria em capítulos e o árduo labor de redação". No Brasil, acrescenta, "os trabalhos publicados a respeito são mínimos, se não inexistentes"; em todo caso, sempre haveria alguma coisa a respigar, conforme veremos. É que a história das doenças tem sido feita, entre nós, de outros pontos de vista, em geral sociológicos ou antropológicos: é fora dos estudos especializados que deveremos procurá-la. Tomemos, por exemplo, o caso da febre amarela, essa doença que, por tantos anos, apesar das suas origens estrangeiras, foi tida universalmente como um flagelo brasileiro por excelência. O professor Almeida Prado estuda a sua progressão entre nós de uma perspectiva exclusivamente clínica (pags. 62 e s.), mas haveria, talvez, lugar para algumas outras considerações, que dariam ao problema o que eu usaria chamar a sua "côr local". Assim, por exemplo, o Dr. Trajano Reis, nos seus Elementos de Higiene Social (1894), observava a imunidade, então estranha, do primeiro planalto paranaense, e dos imigrantes que nele viviam, às investidas da doença: "Em 1878, os carroções de alemães, que faziam o transporte de cargas de Antonina para a Capital, quando a febre amarela dizimava a população daquela cidade, faziam a sua entrada pelas ruas da cidade conduzindo de par com as mercadorias indivíduos estrangeiros empregados em tal serviço atacados da molestia e mais de uma vez cadáveres dos que faleceram durante a viagem. Os doentes, imigrantes pobres, residindo em casinhas de madeira, tendo apenas um leito comum à família, onde sãos e enfermos dormiam, nunca transmitiram o mal. Raros foram os que subindo a serra faleceram em Curitiba. Durante a epidemia de 1892 mais de um doente de febre amarela foi enterrado na Capital, mais de

linhas da sua linguagem dos numerosos que comprovam as teses da obra, a revolta de um homem lúcido e racional ante a maneira irracional pela qual a humanidade vem sendo conduzida. A.R.

LITERATURA

Mario Cesariny de Vasconcelos, POESIA (1944-1955), Lisboa, 1961, ed. Delfos, 348 pags.

Por largos anos, Mario Cesariny de Vasconcelos foi, em Portugal, o

"Estado Segundo": "Seis horas, três minutos / No rico reino dos ondetras / sobre os campos de batalha sob o aparente reinado da massa / o dedo trêmulo de uma criança / luta contra a dor silenciosa de sempre / subindo às maiores alturas / novos e estranhos naufragos em gozo de licença / quatro homens / que olham / enquanto / por todos os lados / quatro cadáveres / passam".

Após as 350 paginas de "Poesia" (1944-1955), Mario Cesariny de Vasconcelos publicou "Planisferio e Outros Poemas", assim como uma curiosa "Antologia Surrealista do Cadáver Esquisito". A sua obra deixou de ter as dimensões experimentais. Lendo-a e comentando-a para além

te com a civilização, é a medicina e não a enfermidade. O que chamamos "doenças da civilização" (no sentido próprio da palavra) são antes "estados moribundos", mais "danos físicos" do que doenças propriamente ditas. Em compensação, verdadeiras doenças têm desaparecido por completo, enquanto outras muitas estão no mesmo caminho, se é verdade que algumas delas vêm resistindo, até hoje, a todos os combates. Em todo caso, não deixa de ser sardonicamente consolador saber que "afecções maxilo-dentárias, poliartrites alveolo-dentárias, abcessos alveolares, carie dentária, são registrados nos homens pré-históricos"; assim, desde, pelo menos, o paleolítico, o homem tem dor de dentes. Também não deixa de ser uma vingança postuma de civilizado saber que o seu antepassado das cavernas antes do vinho do Porto e das perdizes ensopadas, já sofria do reumatismo e da gota; e talvez o amigo dos aperitivos e dos charutos encontre uma desculpa para os seus vícios ao saber que a sífilis, o fumo e, até certo ponto, o álcool, pouco representaram na patologia da arteriosclerose egípcia (pag. 327). Não somente herdamos as mesmas doenças já conhecidas pelos homens e pelos animais da pré-história, como, ainda, as recebemos com os mesmos caracteres patológicos: "O impudismo dos tempos dos romanos, com os seus tipos febris, terção, quartão, cotidiano ou periodico, é o mesmo de hoje. As pestes referidas nas mais longínquas eras são reconhecíveis nas vagas epidemias ainda observadas na atualidade. A peste bíblica que atingiu os Filisteus, por exemplo, pode ser identificada à bubônica, pois, segundo se lê nas escrituras, foi precedida de tão grande invasão de ratos, que, para apaziguar a ira divina, foram oferecidas ao Senhor cinco imagens desses animais esculpturadas em ouro" (pag. 1). As doenças mais vergonhosas da civilização e do pecado são referidas pelos documentos materiais ou escritos mais antigos; o próprio Jó, no seu monturo apocalíptico, sofreria de uma banal dermatose, o penfigo foliaceo ou o eczema generalizado, a curar com qualquer pomadinha de farmácia, sem tantas extrapolações metafísicas.

Mas, justamente: as dermatoses existiam, e não as pomadas; a tuberculose, e não o pneumotorax; a varíola, e não a vacina. Até épocas históricas e relativamente próximas, as doenças, os estados infecciosos, as manifestações morbidas, atravessavam naturalmente todas as suas fases, sem a interferência de nenhuma medicação ou antidoto. Isso explica, talvez, o caráter misterioso de algumas epidemias célebres: "a peste de Atenas", escreve o professor Almeida Prado, "participando um pouco, pela sua feição clínica, do grupo das pioemias, das infecções eruptivas e tíficas, tem sido identificada à varíola, à febre putrida dos hospitais, à febre tífica e ao tifo exantemático. Nenhuma dessas doenças, porém, lhe abarca toda a sintomatologia de maneira completa. Dissociados, muitos dos seus sintomas são observados hoje naquelas citadas entidades infecciosas; na sua totalidade, porém, escapam à inclusão em qualquer delas". É que os especialistas, raciocinando em termos modernos, obstinam-se em reduzir as pestes a uma única doença e, mais ainda, a doença cuja evolução sofre, desde logo, as alterações provenientes de produtos far-

Sociologia (em edição), que está há muito tempo em muito interessante nova edição, aproveitando o trabalho de atualização efetuado por Armand Cuvillier. Talvez incentivasse nossos alunos ao uso dessas obras, de que estão inteiramente desabituaados. Efetivamente, a grande maioria dos alunos manifesta, além de preferência pelos termos mais complicados que possam ser encontrados, inteiro descaço pelo significado dos mesmos, empregando os segundo o significado que imaginam devam ter. A precisão do que pretendem exprimir, preferem o pomposo de uma tirada, hermeticamente usada. Uma reedição a preços acessíveis nos ajudaria a combater esse vício. M.I.P.Q.

Para guarda, quase clandestinidade, missão, não quis Gazotte zar-se dum dos escaletes da francesa surta no porto ou do serviço imperial. Tomou um bote particular, como em passeio de recreio. A ineficiência da embarcação e a maré e ventos contrários que encontrou só permitiram que o mensageiro chegasse de volta à Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, às 10 horas da

filhos

designação da morte do testamento as duas condições, o creto de Pedro I era nulo e o cargo de tutor do imperador menor e das suas irmãs se achava vago e por preencher.

discriminações contra diplomatas africanos. Um negro bate a uma porta, á procura de alojamento. A dona pergunta: "O senhor é negro ou diplomata?"

macológicos. Contudo, não parece desarrazoado supor que varias modalidades epidemicas concorriam na constituição das grandes pestes da Antiguidade e da Idade Media, e que, além disso, deixada a si mesma, a infecção adquire caracteres muito mais violentos do que acontece quando atacada por meios clínicos (mesmo sem sucesso). Acrescente-se que o estudo retrospectivo das enfermidades é feito "in abstracto", excluidas, naturalmente, do espirito, certas condições que agravariam o seu caráter ou favoreceriam o aparecimento de outras, paralelas às que primeiro se manifestavam: assim, por exemplo, o estado higienico das aglomerações, o contágio múltiplo, a agravação inevitável provocada pelos "tratamentos" contraproducentes ou simplesmente fantasiosos etc. Aristoteles, segundo se diz, teria morrido de uma velha doença do estomago e Platão provavelmente de apoplexia durante um banquete (o que esclarece, diga-se de passagem, todo o "background" dos Dialogos), a menos que um deles, conforme quer a maledicencia da pequena história, haja sucumbido a uma renitente pediculose; e se a sífilis partiu, realmente, da America para a Europa, como explicar o seu aparecimento na America?

O problema é abordado, de passagem, pelo professor Almeida Prado: uma escola de estudiosos atribui a Colombo as descobertas da America e da sífilis, duas coisas destinadas a um futuro extraordinario; outros pensam que, também nesse caso, o Velho Mundo nada nos deve. O enigma, no estado atual dos testemunhos, é insolúvel, mas pode-se supor, sem grande temeridade, que o homem americano provenha de duas grandes correntes imigratorias complementares, a que partiu do Leste asiático, perlongando as costas norte-americanas (Bosch-Gimpera) e a que, segundo Paul Rivet, resultaria de relações mais ou menos regulares através do Pacifico. Num caso e noutro, parece impensável que a sífilis tenha sido, como o milho, um produto originalmente americano, ligada que está, segundo a expressão um pouco pessimista de Jausion e Medioni, citada pelo professor Almeida Prado, a "colisão quase fatal dos sexos". Isso mostra até que ponto uma história das doenças é, forçosamente, um estudo de antropologia e de sociologia. Sob este ultimo aspecto, que é também o geográfico, André Siegfried as estudou, num dos seus derradeiros trabalhos: a doença extravasa dos domínios exclusivamente clínicos ou patológicos, em que a encerram os medicos, para ser, também, um índice historiográfico, ela assinala a passagem do homem com a mesma segurança e a mesma regularidade com que o fazem os demais produtos da sua existencia. Provido dos vegetais e dos animais para o homem (pag. 2), sendo rigorosamente contemporânea da Vida, ela será, sem exagero, o melhor testemunho do processo evolutivo. Realmente, a Paleopatologia também não pode indicar o limite exato do "Humano", que é, segundo Camille Arambourg, o problema fundamental da Paleontologia: é que, raciocinando em perspectivas invertidas, devemos resistir á tendência de partir da unidade atual da especie para supor uma unidade original nas fontes da evolução. Tudo indica que houve multiplas matrizes do homem e que, retrospectivamente, podemos imaginar o seu apare-

cimento como uma serie de tentativas e erros da Natureza. Não há, portanto, nenhum "missing link" entre o animal e o homem; há, no Quaternário, escreve, ainda, Camille Arambourg, "uma florescencia de formas complexas, com possibilidades diversas, cuja maior parte teve uma existencia efemera e da qual pouco a pouco se destacou o tipo humano moderno". Mas, quando surge o Homem, a Doença já existia (pags. 313-321): inútil relacioná-la com a "miseria humana" e com os nossos pecados. Até os temíveis dinossauros, plesiossauros e outros simpáticos habitantes do mezozoico já sofriam de periostites, necroses e artrites. A doença será, em certo sentido, o testemunho de um malogro parcial da Natureza: criando a Vida, não pôde fazê-lo de acordo com a sua concepção teorica. Partindo da verdade de que o homem tem corrigido, gradativamente, alguns desses erros mais clamorosos (acrescentando-lhes, a seu turno, diversos outros por sua propria conta), não será demais esperar que o Paraíso esteja no futuro e não no passado (se houver futuro).

Assim como a doença surgiu antes do homem e teve a amabilidade de vir recebê-lo á margem dos pantanos pré-históricos, assim também, por extraordinario que pareça, a medicina surgiu antes da civilização (a menos que tomemos as primeiras atividades medicas como as manifestações iniciais do processo civilizador). Se o que chamariamos de "clínica geral" deixou, até muito recentemente, bastante a desejar, o mesmo não acontece com a cirurgia (o que explica, entre parentesis, que a cirurgia seja, ainda hoje, o aspecto em que a medicina realizou os progressos mais espetaculares). Refere o professor Almeida Prado que "o estudo da trepanação pré-historica comprova a aptidão cirurgica do homem desde os primórdios de sua ascensão evolutiva". Além da trepanação, outras intervenções cirurgicas realizava o primitivo: "a operação da catarata, a castração, as amputações, a operação cesariana [o que tira a Cesar a sua primeira gloria], a rinoplastia, a circuncisão, a pa-racentese, eram praticadas já nas épocas mais distantes da história da humanidade" (pag. 330). As fraturas do esqueleto, nesse tempo em que já se praticava o d'annunziano "vivere periculosamente", eram particularmente numerosas e todas elas foram tratadas "por meio de aparelhos de contenção óssea adequados" (pag. 251). As porcentagens de êxito, nas trepanações, "honrariam qualquer cirurgião moderno", admitindo-se que o mesmo seja estatisticamente verdadeiro com relação ás outras intervenções. Bem entendido, não dispomos de testemunhos em numero suficiente, mas o que importa, no caso, não é o nível dos conhecimentos medicos e, sim, a indicação de que o homem, desde as idades mais recuadas, começou a pensar clinica e cirurgicamente. Acrescentemos, desde logo, que os animais também o fazem, por instinto, mas nenhuma especie animal desenvolveu o pensamento sistematico que permitiria a sobrevivencia do homem e a sua vitoria quase total sobre as doenças.

1) A. Almeida Prado. As Doenças Através dos Séculos. Anhambi. São Paulo, 1961.

(Remessa de livros: Rua Ubaldino do Amaral, 710. Curitiba).

O Estado 7-IV-762